

# entrevista

## Entrevista com Santiago Colombo Reghin

---

**Arthur Oliveira Louzada**  
**Beatriz Marangoni Vilares Fonseca**  
**Mel Veronezi Frare**

Universidade de São Paulo

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v14i2p767-802

A cada número, a Revista Epígrafe traz uma conversa com um profissional da área de História, seja ele atuante na universidade ou na educação básica. Buscamos mostrar aos leitores a variedade de trajetórias possíveis na profissão, destacando tanto as práticas de trabalho quanto as experiências acadêmicas de cada entrevistado, ampliando assim o horizonte de oportunidades da carreira.

Na edição atual, entrevistamos Santiago Colombo Reghin. Atualmente, ele cursa o doutorado em História Social em regime de dupla titulação entre a FFLCH-USP e a Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, orientado pelos professores Marcelo Rede e Philippe Clancier. Sua formação inclui o mestrado em História Social pela USP — pesquisa que recebeu menção honrosa pelo programa — e a graduação em História, tanto bacharelado quanto licenciatura, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

Ao longo de sua trajetória acadêmica, foi contemplado com bolsas FAPESP, incluindo auxílio de pesquisa e estágio no exterior (BEPE), o que lhe permitiu aprofundar seus estudos em História Antiga, com ênfase na Babilônia aquemênida e helenística. Integra ainda diferentes grupos de pesquisa, como o LAOP (USP), o MITHRA (UFSC) e o time Hasaé do laboratório ArScAn, na França, espaços onde desenvolve debates sobre globalização na Antiguidade, formas imperiais, templos e sacerdócios, além de temas de historiografia e teoria da história. Em nossa entrevista, Santiago compartilhou aspectos de sua formação, suas experiências de pesquisa no Brasil e no exterior e os caminhos que o levaram a se dedicar ao estudo do Antigo Oriente Próximo. Boa leitura!

**Revista Epígrafe:** A gente queria começar pedindo para você falar um pouco da sua trajetória, desde lá do início, como você escolheu o curso de História, por que você decidiu fazer a Pós-Graduação, como chegou no seu tema de pesquisa atual...

**Santiago Reghin:** Bom, nunca tinha muita certeza do que fazer, mas eu sabia o que eu não queria fazer. Talvez ao contrário das outras pessoas nos cursos de humanidades, eu era um pouco melhor em exatas do que em matérias de humanas no ensino médio, principalmente tudo que envolvia redação. Sabia que eu não queria fazer um curso em exatas. Ao mesmo tempo, que eu não ia mal, era algo que me dava muito medo. Eu pensei: "Ah, então eu vou fazer alguma coisa dentro de humanas que eu não seja tão ruim". Eu, na minha cabeça super inocente, pensei: "Pô, acho

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

que Português tem que escrever muito... História talvez não tem que escrever tanto".

Primeiro apresentei essa ideia a minha família e alguns amigos, o que foi recebido com certa resistência — depois isso mudou —, me disseram: "Ah, o outro curso que tem bastante história, mas não é História, é Relações Internacionais". Então, eu comecei a fazer Relações Internacionais, mas eu logo percebi que só gostava das disciplinas de história. Então, pouquíssimo tempo depois que eu entrei, mudei de curso e fui efetivamente para História. Contudo, cheguei lá sem saber o que eu queria, mas sabia o que eu não queria: não queria dar aula em escola. Não gostava na época da questão do ensino básico, porque eu não tive experiências muito boas com a escola. Por outro lado, logo percebi que existia a pesquisa.

Ainda, cheguei no curso tendo zero noção do que era o curso. E, bem no começo, eu tive um professor de História Antiga muito bom — isso na Universidade Federal de Santa Catarina. Esse professor tinha um viés mais para a teologia, uma leitura a contrapelo da Bíblia. Me interessei pelo tema e decidi seguir com algo parecido. Eu já tinha curiosidade em mitologia e história das religiões ao longo do final do ensino médio, mas nenhuma leitura aprofundada sobre o tema. Contudo, o que aconteceu é que esse professor, por questões de saúde, saiu já no meu primeiro ano. Daí eu fiquei órfão de um possível orientador.

O tempo foi passando, nenhum outro professor de História Antiga foi entrando... Fui percebendo que realmente não queria dar aula e que ia

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

seguir como pesquisador. Decidi não abandonar a História Antiga, procurando tentar achar a temática em outros lugares como nas disciplinas da Filosofia. Com isso, eu desenvolvi um gosto por questões mais teóricas e filosóficas. No semestre seguinte que eu fiz essas disciplinas de Filosofia Antiga e Filosofia da Ciência, começaram as aulas de Teoria da História com ótimos professores na Universidade Federal de Santa Catarina, a Flávia Varella e o Rodrigo Bonaldo, e eu percebi que casava muito esse interesse mais filosófico com a própria História — sem eu precisar mudar de curso (para a Filosofia, agora) mais uma vez. E, nisso, eu fui também começando a gostar muito da historiografia, mas não conseguiria estudar História no abstrato, precisava decidir um período.

Até que, no meu último ano de graduação, finalmente um professor de História Antiga foi contratado, Fábio Morales. Ele foi super importante para minha formação. Ele foi orientando do professor Guarinello, que faleceu há pouco tempo — fico muito triste por nunca ter tido oportunidade de conhecer o Norberto Guarinello, mas acho que eu conheci uma parte dele por meio do Fábio. Foi muito interessante, deu para ver que ele foi um professor muito marcante para os seus orientandos.

Logo que soube que o Fábio havia passado no concurso, no final do ano, eu já enchi ele de e-mails, perguntando bibliografia, falando dos meus interesses, perguntando se ele precisava de um monitor para disciplina... Nesse final de ano, ele me passou uma bibliografia e falou: "Vamos conversar para você ser o meu monitor no ano seguinte". Eu passei essas férias todas lendo a bibliografia que ele me passou — ainda nem sabia o

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

que eu queria de História Antiga, e ele me passou coisa de Grécia, de Oriente Próximo próximo... E, como alguém muito indeciso, eu gostei dos dois temas. Enfim, quando começou o próximo ano, eu fui monitor dele, depois logo engatei numa iniciação científica sobre historiografia da antiguidade até que a gente sentou para debater o tema de TCC.

Daí eu falei para ele: "Pô, eu gosto de história antiga oriental, gosto de ocidental, gosto de teoria da história, gosto de historiografia". E ele, como um professor muito hábil, achou um tema que contemplava tudo isso. E me disse: "Tem essa historiografia, que é escrita em grego por um sacerdote da Babilônia, contando a história da cidade da Babilônia e produzida no Período Helenístico (que é aquele momento que vai desde Alexandre, o Grande, em 331 A.E.C. até a queda do último Império Helenístico em 31 A.E.C.). Nesse momento tem uma interação muito grande entre o ocidente e o oriente, tem uma integração maior que foi provocada, sobretudo pelos movimentos do Alexandre. Então, estudando esse período, você vai estar mais à vontade para desenvolver tanto a antiguidade oriental quanto a ocidental, além da historiografia, teoria de história".

Enfrentei diversos problemas no meu TCC. Apesar de ter passado por todo o curso de história, eu não sabia escrever. Foi algo muito sofrível, acho que para ele, sobretudo (risos). A escrita eu só desenvolvi mais ao longo do mestrado, mas ter feito esse TCC me ajudou muito a pensar e desenvolver esse tema para a pós-graduação. Então, finalizando o TCC na metade do

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

ano de 2019, eu queria fazer o processo seletivo do mestrado para o ano seguinte, que já começava no final de 2019.

A ideia era fazer na Universidade Federal de Santa Catarina mesmo até que um outro professor, o Alex Degan — que também foi um ótimo professor —, me aconselhou a fazer na Universidade de São Paulo aqui, porque aqui tinha o Marcelo Rede, que é especialista no tema. Eu até pensei sobre, mas imaginei que eu nunca iria passar no processo seletivo da Universidade de São Paulo. Algumas semanas depois, o meu próprio orientador lançou a mesma ideia. Era uma coisa a se pensar e a se tentar. Ah, eu me inscrevi então para os dois processos — é difícil fazer dois processos seletivos de mestrado com bibliografias totalmente diferentes. Enfim, fiz e, no final, acabei passando nos dois.

Foi uma decisão muito difícil, conversei demais com o Fábio. Acho que o que ajudou muito foi o pessoal do Laboratório do Antigo Oriente Próximo da USP, o LAOP; quando eu passei — acho que eles nem sabiam que eu tava nessa indecisão —, eles já mandaram a mensagem como se eu fizesse parte do grupo, me introduzindo. Foram super gentis. Falaram da possibilidade da FAPESP e eu não entendi nada, então eu fui pesquisar sobre o que que era FAPESP. Assim descobri a possibilidade de uma bolsa internacional, que era algo que nunca me passou pela cabeça. Então, somando todos esses fatores, eu decidi vir fazer o mestrado aqui.

Mantive o Fábio, que era meu orientador do TCC, que seria meu possível orientador do mestrado, como co-orientador do mestrado, então, acho que peguei o melhor dos dois mundos. Tive dois orientadores que

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

são muito muito diferentes, o Marcelo Rede e o Fábio Morales, mas que são igualmente excelentes: levantavam pontos muito distintos, mas sempre complementares, não contraditórios.

No mestrado, ampliei as fontes, mas ainda pesquisando a cidade da Babilônia durante o começo do Período Helenístico — então foi o mesmo período, só coloquei mais algumas fontes de caráter administrativo, crônicas. Agora, o doutorado foi um caminho natural, gostei muito desse meio da pesquisa. Claro que nesse caminho a ideia de dar aula para ensino fundamental também surgiu, eu fui perdendo alguns preconceitos meus, mas eu sempre me senti mais realizado na pesquisa — quem sabe, também, se puder dar aula para graduação... Enfim, só com o doutorado poderia atingir esse objetivo, então, eu segui na pós-graduação.

**Revista Epígrafe:** Neste interregno entre entrar na graduação, se interessar por História Antiga e efetivamente fazer uma pesquisa nesta temática, você chegou a trabalhar com outros recortes historiográficos?

**Santiago Reghin:** Quando eu estava no segundo semestre do curso, o professor de História Antiga já tinha saído, eu estava desolado sem “pai” ali dentro. Na época, eu estava fazendo a disciplina de História Moderna com o professor João Klug, um professor maravilhoso que tem um laboratório muito famoso de história ambiental que tem produções conhecidas nacional e internacionalmente, o LABIMHA (Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental). Ali no final de 2016, recebi um telefonema desse professor; ele explicou que o laboratório havia recebido uma bolsa de iniciação científica de última hora e que eles precisavam de alguém para

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

completar. Como ele tinha gostado do meu desempenho na disciplina, ofereceu essa oportunidade cujo foco era estudar o desenvolvimento dos vinhos de altitude em Santa Catarina — então, envolvia pesquisar a migração europeia, o estabelecimento dessas famílias e as tentativas de cultivar diversas vinhas diferentes aqui até o desenvolvimento das uvas próprias dos vinhos de altitude já no século XX.

Como eu não tinha um tema, a oferta era de um tema interessante, feita por um professor que eu gostava muito e em conjunto com um ótimo laboratório, aceitei. Não era um tema que eu tinha familiaridade, que eu imaginava continuar pesquisando, mas ia ao encontro desse meu objetivo de me tornar um pesquisador.

Na realidade, minha orientadora para essa iniciação foi a Eunice Nodari, que era uma das coordenadoras do laboratório — uma pessoa fantástica também. Ela logo me apresentou os objetivos, eu teria que aprender a mexer em ferramentas bem interessantes de geoprocessamento para fazer o mapeamento dessas vinícolas. A gente começou a pesquisa. Ela era uma pessoa muito gentil, foi me iniciando: mostrou como fazer um projeto, quais seriam as fontes, além de me educar sobre o arquivo em Santa Catarina e arquivos digitais, algo que eu nunca tive contato — pesquisar jornais antigos, documentos antigos. Então foi uma iniciação à pesquisa e à metodologia de pesquisa em História fantástica.

Contudo, nesse momento, como falei na questão anterior, em que eu estava fazendo as disciplinas de filosofia antiga, me apaixonando pelo

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

tema. Tudo ficou um pouco contraditório na minha cabeça, porque eu já estava desenvolvendo uma pesquisa com um tema muito legal, mas não era exatamente o que eu queria. Eu estava estudando por fora História Antiga, fazendo cursos de grego — por vezes, a Eunice entrava e se decepcionava um pouco porque ela estava esperando que eu estivesse pesquisando as vinícolas, mas eu estava fazendo exercício de grego (risos). Acho que ela foi percebendo que eu não continuaria. Quando chegou a vez de renovar o segundo ano, ela perguntou se eu queria. Eu agradei muito, mas disse que não gostaria.

Ainda passei um ano órfão, nessa aposta de me especializar em Teoria ou em História Antiga. Até que, quando esse outro professor de história antiga entrou, ele me ofereceu uma iniciação científica em história da historiografia. Estudei a história da historiografia do final do século XIX até o começo do século XX sobre o Período Helenístico, que, no fim, se tornou o primeiro capítulo da minha dissertação.

Então, foi ótimo ter essas duas experiências em pesquisa. Claro, algo que faltou foi mais experiências na educação. Mas foram muito ricas essas experiências. A primeira por uma questão metodológica, a segunda por uma iniciação ao tema, servindo de começo para minha pesquisa de mestrado.

**Revista Epígrafe:** Tendo em vista toda sua trajetória, gostaríamos de saber quais foram os maiores desafios que você enfrentou durante a sua formação acadêmica e como você lidou com eles ao longo desse período.

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilares Fonseca

Mel Veronezi Frare

**Santiago Reghin:** Eu passei no mestrado aqui no final de 2019. Vim para São Paulo, no começo de 2020, para fazer as inscrições, já estava procurando apartamento, mas o foco era conhecer um pouco da instituição e já começar a participar do ambiente acadêmico. Eu tive uma reunião presencial com o Marcelo Rede nesse momento; foi uma reunião muito boa, ele já começou a dar os primeiros direcionamentos sobre o meu projeto – o que que ele gostou, o que que ele não gostou. Ele ficou um pouco preocupado com a minha formação, porque sabia que a Universidade Federal de Santa Catarina ficou muito tempo sem um professor de História Antiga. Depois falei que fiz com o Fábio, um professor que ele gosta muito (e com razão), ele ficou um pouco mais tranquilo, mas ele me convidou para participar das aulas dele mesmo assim.

Então fui na primeira aula. Acho que era uma terça-feira de noite, talvez. E achei fantástica, pensei: “Pô, eu estou começando com tudo aqui. Está muito bom, a aula é muito boa”. Depois, fiz contato com a galera do LAOP-USP; eu só tinha conhecido o pessoal por e-mail, mas não via a hora de conhecê-los pessoalmente nas reuniões, que aconteciam a cada duas semanas.

Quando eu cheguei em casa, dormi, acordei e foi decretada a pandemia. As aulas foram canceladas no dia seguinte. Com isso, abortei minha missão de ver apartamento, voltei para Santa Catarina – eu não tinha mais nem casa em Florianópolis, então fui morar numa cidade no interior de Santa Catarina, o que não é algo fácil. Nesse meio tempo, continuei tentando conhecer toda a instituição online, o que foi muito

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

difícil. A USP é muito grande, assustadora conhecendo pessoalmente, mas comecei a me acostumar com a ideia cada vez mais que eu ia fazer quase o mestrado todo à distância.

Conforme a gente foi vendo que não ia voltar, a situação foi ficando pior, muita gente morrendo... Isso, claro, afetou muito o meu primeiro ano de mestrado. Eu, de fato, desenvolvi pouco a minha pesquisa, eu tentava ler, mas estava muito assustado com toda a situação, preocupado com a minha família, sobretudo, minha mãe que vinha enfrentando uma doença ao mesmo tempo. O que me ajudou bastante foi novamente o pessoal do LAOP, que foi muito atencioso comigo, sobretudo a Anita Fattori, que me ajudou muito a me ambientar com a universidade e com toda a questão da burocracia. Mas, sim, eu sentia que realmente estava no escuro, eu não conhecia nada da instituição, como funcionava...

Tem muita coisa que nas universidades federais são padronizadas, mas quando a gente chega na USP é totalmente diferente. Não sabia dessas opções de estágio que o pessoal comentava, por exemplo, o estágio de docência, não sabia se tinha que fazer ou não, era obrigatório nas outras universidades. Além disso, fui tentando desenvolver um projeto para a FAPESP, porém tudo nela era resolvido muito pessoalmente, mudando demais com as várias questões de caráter provisório que surgiram naquele momento. Era muito confuso, o pessoal não sabia muito como desenvolver, então eu fui pensando: "Ah, tudo bem, não vou ter bolsa FAPESP, não tô conseguindo cumprir as coisas, não sei como enviar". E me senti muito sozinho, né? Porque não tinha mais contato com o pessoal da

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilares Fonseca

Mel Veronezi Frare

minha graduação. Não consegui, nesse primeiro momento, desenvolver amizades em São Paulo por motivos óbvios – eu não estava aqui. Foi somente a partir do segundo ano que eu senti que as coisas começaram a caminhar mais, quando a modalidade distanciada foi se desenvolvendo melhor.

Outra questão foi que a Anita ganhou uma bolsa BEPE da FAPESP para a realizar parte da pesquisa dela em Paris, então ela me ofereceu a oportunidade de ficar um tempo no apartamento dela, enquanto ela não estava aqui. Me mudei para São Paulo ainda nesse momento de pandemia, algumas coisas abrindo, várias fechadas. Com isso, consegui me dedicar um pouco mais à pesquisa e conhecer um pouco mais da universidade.

Fiz todo o mestrado ao longo da pandemia e passei no doutorado em 2024, que foi quando eu consegui vir para cá efetivamente – o que trouxe outros desafios que vocês devem saber melhor: preço de aluguel; se localizar aqui em São Paulo, que é muito difícil é; ficar doente direto por causa de poluição... Eu cheguei não gostando muito do São Paulo, não entendendo muito porque várias pessoas que eu conheço querem ficar aqui. Eu pensei: "Meu, o que se passa na cabeça dessas pessoas"? Mas, estando há um ano e meio aqui, eu tô começando a entender. Ainda gosto muito de Florianópolis, especialmente, mas tô vendo as vantagens daqui. É uma relação meio tóxica com a cidade (risos), tem coisas boas, coisas ruins. No final, acho que foi uma oportunidade fantástica para descobrir uma outra universidade, fazer novos contatos e novos amigos

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

**Revista Epígrafe:** Gostaríamos que você nos contasse um pouco sobre a questão central da sua dissertação defendida em 2023. Nessa mesma linha de questionamento, gostaríamos de saber quais fontes históricas você utiliza na sua pesquisa e como elas influenciam o seu trabalho. Como você lidou com os desafios encontrados ao trabalhar com elas?

**Santiago Reghin:** Primeiro que até meu tema é pouco exótico mesmo dentro da área de História Antiga, mas, como falei na questão anterior, cheguei nele por via do Fábio Morales, que me passou o tema do TCC. Para o mestrado, eu quis ampliar um pouco os aspectos da realidade social que eu queria estudar, não queria ficar preso a uma história intelectual apesar de eu gostar muito desse tema. E o Fábio influenciou muito a partir de um ponto de vista político, de estudar então o ambiente político que esses sacerdotes da cidade da Babilônia estavam inseridos e como a política local afetava a cidade e, mais especificamente, o templo. Pra isso eu precisei sair da única fonte que eu trabalhava, que era historiográfica, e ir para documentos administrativos e econômicos. Isso me satisfazia de alguma forma, principalmente ao longo do final da graduação, quando eu fui criando vários interesses, e acho que a graduação é esse momento para experimentar — buscar períodos e aspectos diferentes para estudar. Acho que é meio canônico entre os estudantes gostar de estudar História Cultural, eu mesmo gostava de História Cultural e odiava História Econômica. E, nesse final, eu fui percebendo que para compreender a História Intelectual, eu tinha que me aprofundar nesses outros aspectos, então busquei um tema um pouco mais amplo na dissertação, buscando estudar um templo específico da cidade da Babilônia, mas com o máximo

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

possível de fontes que o templo produziu. O que eu queria entender era como esse templo foi afetado pela chegada dos impérios macedônicos no final do séc IV A.E.C., a partir de Alexandre até o sucessor dele, Seleuco, que formou o Império Selêucida, até mais ou menos o começo do império, no final do século III A.E.C. — então meu quadro temporal era de um século.

O Período Helenístico é um período que me cativou muito, e eu acho muito interessante por ser esse momento em que há uma integração maior entre Antigo Oriente Próximo e o leste do Mediterrâneo, com as cidades gregas, porque, pela primeira vez, fazem parte de uma mesma unidade política, com Alexandre, que rumo até o Império Persa em 334 A.E.C. Pouco anos depois, por volta de 331, ele derrota o Império Persa; Alexandre não constrói outro império ao derrotá-lo, mas ele se apropria do Império Persa, conquista cada região aos poucos — e a gente começa a enxergar uma continuidade das dinâmicas e das administrações que existiam com os persas nesse Período Helenístico. Isso nas várias regiões do império, na Babilônia, Ásia Menor e regiões que fazem fronteira com a Índia. Entretanto, essa unidade política dura pouquíssimo: Alexandre era um ótimo conquistador, mas não pensava muito bem como administrar as coisas; e muito menos deu tempo de pensar num sucessor. Quando ele morre, possivelmente por uma doença — ou por ter bebido muito nas noites anteriores—, logo após ter voltado da Índia em 323 A.E.C., não deixa um sucessor claro. A partir daí, pra resumir a história, os generais dele começam 20 anos de guerras intensas para ter partes do império dele. Por volta de 281 A.E.C., nós vemos um certo equilíbrio ainda instável de

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilares Fonseca

Mel Veronezi Frare

formações territoriais envolvendo três generais de Alexandre: o Seleuco na região do oriente próximo, onde fica a Babilônia; o Ptolomeu no Egito, que as pessoas conhecem mais — a própria Cleópatra é dessa descendência greco-macedônica do Egito Ptolomaico; e, na Ásia Menor, o Antígono, um general da cavalaria de Alexandre.

O que eu queria entender era como a Babilônia passou por esse período de intensas guerras — a guerra entre o Alexandre e o Império Persa, e mais vinte anos de guerra entre os generais de Alexandre. Vale lembrar que a Babilônia era a capital do império do Alexandre, todo o tesouro estava lá, e vários recursos foram estrategicamente colocados na Babilônia, o que fez a região se tornar um teatro de guerra intenso nessa época. A partir do momento em que vemos Seleuco se estabelecendo no local, com muita dificuldade, várias coisas mudaram no funcionamento da Babilônia, e eu queria estudar essas continuidades e rupturas em relação ao período anterior, o Período Persa, tendo como foco o começo do Período Helenístico.

Eu escolhi os templos porque na Antiguidade eles eram muito mais do que templos. Eram focos de administração política das regiões, concentrando muita terra e bens econômicos. Quando eu tive esse primeiro contato eu achei demais, e pensei: "Nesses templos, não se concentram apenas aspectos religiosos, é muito diferente de hoje em dia", depois pensei: "Talvez não seja tão diferente assim de hoje em dia...". Essa foi uma das sacadas que eu tive ao longo do mestrado, tendo também contato com o estudo de religiões contemporâneas. Pra isso eu ampliei as

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

fontes. Antes eu estudava basicamente uma fonte, que foi publicada com tradições diferentes, em diferentes artigos e livros. Era muito mais fácil: estava editada, pronta ali, traduzida. Mesmo assim, eu tive que estudar um pouco de grego para compreender, e ao mesmo tempo eu estudava o acadiano, a língua da região da Babilônia — como eu comentei, quando chegam os macedônicos e os gregos, o grego se torna língua franca da região e de boa parte do Império Helenístico, então estudei ao mesmo tempo as duas. Claro que de forma instrumental.

Às vezes, a gente fala pras outras pessoas e elas pensam que conseguimos sair com os amigos falando grego ou acadiano. Não, não é o caso, pelo menos pra mim. Conheço gente que é o caso, mas comigo não é. Não é fácil para mim aprender uma outra língua. Então eu aprendia em função das fontes que usava, consultava aquele vocabulário em dicionários, tinha um domínio básico gramatical para saber um pouco da sintaxe, da relação entre as palavras na frase. Então essa foi uma dificuldade. Eu comecei a estudar isso já desde o final da graduação — as duas línguas inclusive alternando entre as línguas, quando eu começava uma eu esquecia a outra, e isso era bem frustrante. Mas, quando eu entrei no LAOP, recebi muito apoio, principalmente no acadiano. Consegui tirar várias dúvidas com o professor e com os colegas. Um dos colegas que fazia pós-doutorado na época, o Leandro Ranieri, me ajudou muito. A gente fez um grupo de estudos, eu e ele, para traduzir as leis do código de leis do Hamurabi — enfim, isso está por volta de 1750 antes de Cristo, é muito mais anterior às minhas fontes, mas já ajudou bastante.

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

E uma outra dificuldade para mim era ter o acesso às fontes, saber que fontes existiam sobre isso, porque são fontes muito esparsas. Quando a gente trata do Oriente Próximo é um pouco diferente das fontes gregas ou da tradição clássica de forma geral: elas (as gregas) foram transmitidas por cópias de pergaminho e papiro pra gente, enquanto as fontes do Antigo Oriente Próximo foram achadas em contextos arqueológicos. São tabuinhas de argila achadas, sobretudo para o meu caso, na segunda metade do século XIX, muitas delas por escavações que a gente chama de ilegais. Apesar de ter tido algumas excursões francesas, inglesas, e alemãs nesse período, quando essas missões arqueológicas se retiravam, algumas pessoas locais, que sabiam que tinham tabletes importantes ali, escavavam por conta própria essas regiões e vendiam os tabletes para um mercado clandestino — é importante destacar que não se pode julgar essas populações locais por tais escavações não regulares. Mas o principal aqui é que quem movimentava esse mercado clandestino eram os próprios museus europeus que compravam esses tabletes que eram achados e incentivavam essas pessoas a procurar e escavar esses tabletes... Então é muito difícil.

A primeira dificuldade é que a gente, às vezes, não sabe onde esses tabletes foram encontrados. Precisamos trabalhar com informações internas a esses textos depois que eles estão traduzidos. E nem sempre isso é fácil. Então, há vários tabletes que a gente acha que é da Babilônia, a gente não sabe direito de que data eles são, apesar de que muitos são datados. Logo, isso se apresenta como dificuldade quando a gente já

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

consegue acessar as fontes, contudo, o meu problema era justamente acessá-las, assim ter ciência de sua existência.

A gente não tem um livro, pelo menos não era o meu caso, onde todas essas fontes são publicadas e traduzidas. Caçamos no site dos museus ou em artigos específicos na internet. Quem me ajudou com isso, claro, foram meus orientadores. Nisso meus dois orientadores se complementam. O Fábio é especialista no Período Helenístico, mas não especialista na região da Babilônia em si, estudava sobretudo Delos e Atenas. E o Marcelo Rede, ele é especialista em Oriente Próximo, mas não no período que eu lidava: ele estuda um período muito mais retirado do segundo milênio e também questões bíblicas. Houve, então, um pouco de dificuldade, porque eles também não estavam muito familiarizados com as publicações das minhas fontes. E eu fui fazendo ao longo do mestrado como dava, procurava na internet, mas nem tudo é acessível. Apesar de que há um esforço crescente de digitalizar as fontes e mais que isso, deixar elas todas em um banco de dados acessível, quando eu comecei, não era tão fácil assim: estavam espalhadas em bancos de dados ou fotos em sites aleatórios. Fui coletando as fontes como dava. Ficou um trabalho muito parcial, pelo menos ali da primeira metade do mestrado. Mas o que virou a chave para mim foi uma oportunidade que tive.

Eu já tinha bolsa para pesquisa de mestrado e eu também tentei conseguir a bolsa BEPE. A questão é que estava na pandemia. Todo mundo falou para mim: "Pô, nem tenta, tá tudo fechado". Eu pensei: "Provavelmente, eu vou tentar no doutorado, então já vou ter essa

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

experiência de como é fazer esse projeto, como é passar pelo processo". E é uma burocracia bem grande. Além de ter que fazer um processo, vários documentos, falar com o pessoal lá fora, eles têm que te aceitar. Apesar disso, eu falei para o Marcelo: "Ah, mesmo sendo remotas as possibilidades de conseguir ir, a gente pode tentar fazer isso?" e ele falou que tudo bem. Então, quando eu terminei tudo, falei com o pessoal de fora, e eles sabiam que tinha muita chance de eu não ir, mas eu estava com todos os documentos prontos. Acho que passou uma semana, a FAPESP abriu de novo para conseguir ir para fora e submeter a BEPE à FAPESP.

A única questão é que, para o mestrado, o tempo geralmente é de seis meses de bolsa em outro país e, por eu já ter passado muito tempo no mestrado, não pude ir no tempo mais indicado, tive uma bolsa de apenas três meses. A gente escolheu a França, sobretudo porque o Marcelo Rede foi formado lá, ele tinha um contato com as pessoas lá e também porque tinha muitos especialistas da minha área estudando o mesmo período. Sobretudo o Julien Monerie e o Philippe Clancier. O Julien Monerie foi meu supervisor.

Quando cheguei lá, eu descobri um outro mundo de pesquisa que não necessariamente é melhor do que o que a gente tem aqui no Brasil, mas é muito diferente, pelo menos na área de Antiguidade Oriental, porque eles têm todo esse contato com as línguas e com os museus. Com isso, eles conhecem muito bem quais são os corpora de fonte, como são os dialetos.... O enfoque é muito mais empírico, eu diria. Claro que existem questões teóricas, mas muito mais empíricas nas próprias fontes de

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

tradução, de preparação das edições das fontes. Isso me ajudou muito, porque, quando cheguei lá, eu vi que, de fato, eu estava muito despreparado nesse aspecto.

Todo mundo lá me recebeu muito bem. A equipe do laboratório ArScAn foi super gentil comigo. Acho que talvez tivessem noção das minhas dificuldades e ofereceram suporte. A bolsa nem previu participar das disciplinas de graduação e de mestrado, mas eles gentilmente me ofereceram e eu pude fazer, então, um treinamento mais intensivo nas próprias línguas e preparar um dossiê melhor de fontes. Sem essa bolsa, a minha dissertação seria outra, com certeza. Eu reescrevi muita coisa. Depois dos três meses, voltei para cá com outra cabeça, conhecendo muito melhor as fontes.

Eu acho que uma das principais vantagens da BEPE, não está no meu mestrado propriamente dito, mas no meu doutorado. Foi lá que eu consegui ter um contato mais próximo com o Philippe Clancier e ele me ofereceu um tema de doutorado, no qual eu trabalho hoje. Ele me fez perceber que eu estava trabalhando essas questões de continuidade e ruptura entre o Período Persa e o Helenístico, mas eu sabia muito pouco sobre o final do Período Persa, então tinha uma lacuna grande. E, na verdade, não era só eu que não sabia: esse é um momento muito lacunar para a historiografia, com poucas fontes.

Vários documentos sobre esse período foram publicados recentemente — me refiro aos últimos 20 anos— e a maioria dessas comparações entre a Babilônia, ou até com outras regiões, e o Período

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

Helenístico para ver essas mudanças e continuidades usa muitas questões formuladas para o início do Período Persa. Isso é um grande problema, como vocês podem imaginar, porque várias coisas que a gente pode imaginar que são rupturas talvez já aconteceram no final do Período Persa. E ele (Philippe) falou: "Ah, acho que seria interessante talvez você trabalhar com documentos inéditos do final do Período Persa". Então, ele me propôs continuar nesse tema dos templos da Babilônia, ampliando para toda a região da Babilônia — Babilônia é o nome que a gente dá para uma cidade central na Mesopotâmia, mas também o nome de uma região do sul da Mesopotâmia. A gente chama o sul da Mesopotâmia de Babilônia e o norte da Mesopotâmia de Assíria.

Ele sugeriu continuar com esses mesmos tipos de fonte, mas retrocedendo um pouco o período e trabalhando com esses outros templos para ter uma visão mais global sobre o que que estava acontecendo. Isso me soou um pouco estranho num certo momento, mas depois eu gostei da ideia porque é uma periodização um pouco *sui generis*, no sentido de que, no nosso campo do Oriente Próximo, geralmente alguém é especializado numa região, numa cidade e em um período específico. Por exemplo, eu estudo a Babilônia no Período Helenístico, em que eu fiz mestrado, e agora eu estava estudando os templos de uma região, não ao longo de uma unidade política coesa, mas num período de transição. Achei estranho, mas, depois, muito legal a ideia de que eu não seria um especialista no Período Helenístico ou no Período Persa, mas um especialista na transição entre esses dois períodos. E eu achei isso muito interessante, principalmente porque poderia jogar melhor

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

com essa questão de continuidade e ruptura: eu estou trabalhando com uma instituição (isto é, o templo) que perdurou por esses períodos e, de fato, é muito mais antiga do que essas unidades políticas específicas. Ter esse apoio institucional possibilitava que eu analisasse o período de transição imperial pela ótica privilegiada dos templos. Por meio dos tablets cuneiformes conservados ao longo de milênios nos seus arquivos e bibliotecas, os sacerdotes dos respectivos templos registraram e obtiveram conhecimento sobre a ascensão e a queda de vários impérios.

Consequentemente, essa mudança imperial, na visão dos templos, apesar de não ser um evento trivial, era algo esperado, um processo usual no ciclo de renovações políticas. Estudar essa mudança do Império Aquemênida para os Impérios Helenísticos por meio desse conhecimento, desse repertório dos templos, foi o que mais me atraiu no tema oferecido pelo professor Philippe Clancier. E além disso, ele me ofereceu a oportunidade de fazer um doutorado em dupla titulação.

**Revista Epígrafe:** Muitas pessoas costumam considerar o Oriente Próximo Antigo como um período distante e pouco acessível, o que faz com que ele pareça desconectado do presente. Na sua avaliação, por que essa percepção de afastamento ainda persiste? Você diria que a Antiguidade Oriental recebe menos atenção do que outros temas históricos? E de que forma seria possível ampliar a visibilidade e o interesse do público brasileiro por essas sociedades antigas?

**Santiago Reghin:** Bom, falando sobre essa questão da distância da disciplina de História Antiga, e, talvez, essa dupla distância que tem de

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

estudar o Oriente Próximo. Da minha experiência, uma das coisas que eu mais escutei ao longo da graduação, de professores e de alunos, é que era uma tema que, além de ser afastado da nossa realidade, era eurocêntrico. Isso, de fato, passava pela minha cabeça, vinha um pouco de culpa, pensando: "Poxa, outros temas que são super urgentes e diria que mais necessários para História do Brasil, né? História indígena, História do Conservadorismo...". Mas fui percebendo que o eurocentrismo está muito mais na tradição de estudos do que nas fontes sobre a Antiguidade de forma geral. E é aí que reside a necessidade de estudar isso no Brasil, porque a gente percebe que os gregos não eram europeus: eles não falavam que eram europeus, eles eram vistos como sendo europeus. O Antigo Oriente Próximo não era o berço da civilização que, segundo Hegel, formava uma tocha da História que ia do Oriente para o Ocidente: começando no Antigo Oriente Próximo, depois indo para Grécia, que é "meio europeia", depois vai pra Roma, que é mais europeia. Ele colocava esse Oriente Próximo no começo da História, numa narrativa que, se apropriando dessas fontes do Oriente Próximo, criava uma teleologia eurocêntrica.

Eu não estou estudando a Europa, ou uma coisa que no futuro seria a Europa. Esse tema foi monopolizado, ou quase monopolizado, por europeus ao longo de muito tempo. Eu falei um pouco das escavações, né? Foram sobretudo as missões alemãs, francesas e inglesas que exploraram primeiro esses lugares e tiveram um primeiro acesso a esse material, e processaram, e integraram ele na narrativa da história mundial a partir da ótica deles. Isso se tornou cada vez mais óbvio depois das viradas

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

pós-coloniais das décadas de 1970 e 1980. E se torna cada vez mais urgente, eu acredito, que pessoas de diferentes partes do mundo ou de diferentes vieses teóricos façam uma História da Antiguidade, claro, mas também do Antigo Oriente Próximo.

Além dessa questão eurocêntrica, também tem um outro desafio para gente que é pensar o tema como se estivesse muito distante. De fato, está temporalmente. Mas, conforme vamos estudando, percebemos que essa distância é parcial. Eu já dei o exemplo dos templos, que eu pensei: "Nossa, olha como o templo é muito mais do que só um lugar de culto religioso. É muito diferente de hoje", e depois percebi que não é tão diferente como julgava. Já outros aspectos, nós percebemos que, de fato, são bem diferentes em relação à contemporaneidade. Apelo um pouco pro Mario Liverani. Ele fala que o Oriente Próximo, e a Mesopotâmia, é um grande laboratório antropológico da humanidade para tratar de questões perenes das ciências sociais. Acho que quem está acostumado com antropologia ou ciências sociais — principalmente quando estão tratando de questões mais amplas dentro da sociologia histórica —, já se deparou com o questionamento se algum traço estudado é de certa forma antropológico e mais estrutural nas sociedades ou historicamente contingente. Nesses momentos, tais pesquisas fazem reflexões e comparações frequentes com o Antigo Oriente Próximo. Um raciocínio que tem seus problemas também, mas é útil refletir sobre os elementos que estruturam e condicionam a vida social, bem como o seu grau de mutabilidade ao longo da história. Muita gente faz isso no aspecto econômico para ver o quanto o capitalismo, por exemplo, está enraizado

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

nas relações econômicas e sociais humanas ou não. Eu gosto muito dessa reflexão do Liverani de pensar que o Oriente Próximo, mesmo para quem não é especialista, é um ponto de reflexão para questões teóricas gerais, envolvendo cultura, política e economia.

Como eu falei, pesquiso, por exemplo, impérios, um aspecto majoritariamente político. E quando a gente analisa as macronarrativas formuladas atualmente, principalmente da História Global — que está em moda hoje em dia —, os livros organizam a história da humanidade em impérios. Então, acho que ver essas semelhanças e fazer comparações, que são, sim, possíveis, entre os impérios modernos, contemporâneos, impérios capitalistas, impérios pré-modernos, são muito fortuitas para entender melhor o próprio tempo em que a gente vive.

E claro, para quem está estudando o capitalismo hoje ou o começo do capitalismo no período moderno, por óbvio que não vai se voltar para os tablets mesopotâmicos de 1500 antes de Cristo, porque não vai ter nenhum efeito na pesquisa da pessoa. O impacto da pesquisa em História Antiga, nesses casos, vai ser secundário; geralmente essas pessoas vão ler uma bibliografia secundária de pessoas que já processaram essa informação e a integraram em outras narrativas maiores. Eu acho que, como pesquisador de Antigo Oriente Próximo no Brasil, às vezes faz parte ir para essas fontes e questionar algumas dessas narrativas que já estão prontas, que são muitas vezes eurocêntricas. Penso que isso vem mudando tanto pelo pessoal daqui do Brasil, mas também pelo pessoal da Europa. Eles também incorporaram muitas das questões decoloniais.

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilares Fonseca

Mel Veronezi Frare

Por isso, penso que é importante a formação de especialistas em Oriente Próximo no Brasil. Há essa demanda pelo campo, tanto pelo estudo específico das milhares de fontes não publicadas quanto para produzir esse material secundário para as pessoas que estão em outras áreas poderem ler sobre isso e integrar essas reflexões amplas à suas pesquisas.

Partindo para os desafios do pesquisador brasileiro quando se vê parte desse processo... Como eu já comentei, o acesso às fontes. Muitas vezes a gente pensa, com certa razão, que é necessário já partir sabendo várias línguas, o que é uma verdade difícil. Eu parti sabendo um pouco de inglês, então, uma das coisas que eu queria falar pras pessoas é: mesmo se você não entrou mega erudito na graduação, é possível. É possível você estar no final da graduação e começar. Indico principalmente o estudo de inglês num primeiro momento.

Eu acho que hoje muitas pessoas já têm um conhecimento de inglês na graduação; não são todas, claro. Se acostumar a ler artigos científicos em inglês é importante. Acho que é possível ter um desenvolvimento bom no mestrado apenas com o inglês, grosso modo, isso é possível. Muita coisa está traduzida, as ferramentas de tradução das outras línguas para o inglês estão bem avançadas hoje em dia.

Outra coisa, claro, seria o desenvolvimento do aprendizado das línguas antigas. Algumas das coisas que a gente vai estudar não estão traduzidas. As obras da literatura clássica estão muito traduzidas; tem muito trabalho excelente feito atualmente que abarca boa parte do

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

campo. Se você vai pesquisar Grécia e Roma já tem uma tradução em português ou no mínimo em inglês... Mas no Oriente Próximo é diferente.

Uma coisa a ser colocada aqui é que a gente pensa, e com razão, que tem muita coisa escrita em grego e latim. Porém, tem muito mais em sumério e acadiano quando a gente tá falando da Antiguidade. Até agora, foram escavadas e estão em museus, ainda que não estejam todos publicados, mais ou menos meio milhão de tabletes. Então é muita coisa escrita e muita coisa não publicada. Muita coisa publicada e sem tradução — que é uma coisa estranha para gente, mas publicam, por vezes, somente a foto do tablete. Então esse aprendizado da língua é um desafio necessário, principalmente para quem está no Brasil. Felizmente, algumas narrativas facilitam essa jornada. Por exemplo, o LAOP vem oferecendo cursos de língua, geralmente como disciplina de pós-graduação

Eu acho que é uma preocupação interessante já começar a ver na graduação, mas, tudo bem caso não dê, é algo que dá para desenvolver no mestrado. Mesmo na Europa, que tem um enfoque maior nas línguas, várias pessoas só aprendem no mestrado, então acho que não é para desistir por causa disso. Esse domínio, como eu também comentei, é muitas vezes instrumental. Você não vai falar fluentemente essas línguas. Não desistam. Claro que tem vantagens de estar em alguns centros que têm essas formações, como São Paulo ou mesmo o Rio Grande do Sul — que tem o LEAO, que é um grupo de Antigo Oriente Próximo fantástico que também faz alguns trabalhos de divulgação e estudo do acadiano. Uma pessoa pode ter feito a graduação em outros locais e pensar, talvez,

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

em fazer um mestrado ali. E, porventura, mesmo para o mestrado, a pessoa pode estudar alguns materiais que estão disponíveis na internet. Entretanto, eu diria que, para o nível de doutorado, uma aproximação com a língua das fontes é necessária.

**Revista Epígrafe:** Sabemos que você está realizando um doutorado em regime de duplo diploma, entre a Universidade de São Paulo e a Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Poderia nos contar um pouco sobre essa experiência e como tem sido a sua relação com os dois orientadores, Philippe Clancier e Marcelo Rede?

**Santiago Reghin:** Começando já do último ponto que você levantou e já costurando com a com a pergunta anterior, foi na BEPE que conversei com o Philippe Clancier. Ele fez toda a proposta do tema, explicou sobre a importância do tema, me fez perceber várias coisas que eu não tinha percebido. Foi muito interessante esse primeiro contato, porque ele estava muito preocupado se eu gostava do tema ou não – acho importante falar isso: óbvio, a gente tem que gostar muito do nosso tema de doutorado, senão vira um inferno maior do que é. E, quando falou sobre o tema, ele me colocou algumas possibilidades, a dupla titulação era uma entre elas. Ele falou sobre a possibilidade de fazer um doutorado completo lá e foi bem sincero, porque não é só no Brasil que as questões de bolsa são complicadas, na França também. Ele falou: "Tem a possibilidade de você fazer sem bolsa, eu trabalho aqui, mas você não vai conseguir trabalhar porque é uma pesquisa com muitos documentos que vai precisar ser realizada em tempo integral". Eu respondi: "Sem chance da minha família

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

me manter, ainda mais em euro noutro país". Ele falou: "Então a gente vai ter que buscar outras alternativas". Aí que chegou a opção da dupla titulação, porque a Anita, que eu mencionei anteriormente, fez o doutorado nessa modalidade e isso serviu de um exemplo, me ajudou demais por ela já ter aberto esse caminho.

Quanto à dupla-titulação, ela é diferente da gente fazer um mestrado ou um doutorado sanduíche – meu mestrado fiz nessa segunda modalidade com a primeira BEPE que eu tive. Um sanduíche é a gente ficar um tempo em outra universidade como pesquisador convidado; a princípio a gente utiliza as bibliotecas, participa dos grupos... Não necessariamente faz as disciplinas, eu acabei fazendo por gentileza do pessoal da França. Para o pessoal aqui de São Paulo, para fazer uma pesquisa com sanduíche em outro país, no mestrado, usualmente é feito uma demanda à FAPESP. É necessária a submissão de um projeto e a participação num processo seletivo. Com a bolsa, dão todo o apoio financeiro para você ficar de três a seis meses (no caso do mestrado) em outro país, a fim de desenvolver e aperfeiçoar a sua pesquisa, tendo um orientador nesse outro país, que geralmente a gente chama de supervisor.

Quando você acaba esse mestrado (ou também o doutorado sanduíche, se for o caso), você tem um diploma somente da universidade que você fez o processo, que no meu caso é a USP.

A dupla titulação é diferente. Geralmente, a dupla titulação vai demandar que você passe um um tempo noutra instituição, mas quando você acaba, você tem dois diplomas, um de cada universidade. Então, você

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

vai ter uma universidade mãe e uma universidade parceira, – no meu caso a Universidade de São Paulo e a Université Paris 1 Panthéon, respectivamente. Vou contar o meu caso a partir da Sorbonne. Precisei passar por dois processos seletivos, tanto o daqui quanto o de lá, que é totalmente diferente da tradição do processo daqui, sendo mais (não sei se é o termo mais exato) pessoal. Você precisa ter um contato com o orientador, vocês precisam discutir o tema de pesquisa, depois você apresenta esse projeto para para a universidade, que vai se passar por um comitê, mas, geralmente, quem diz a última palavra é o orientador que você selecionou. É muito diferente daqui, que é um processo duplo cego: uma prova, um projeto que, às vezes, não é avaliado propriamente pelo seu orientador, né? E o projeto de lá ele é muito menor, de cinco páginas só, para que você dê uma ideia do que você pretende fazer.

Além do processo seletivo da universidade parceira, há a necessidade de se estabelecer um acordo jurídico entre ambas as universidades, explicitando todos os termos do processo. Para mim, essa foi a questão mais difícil. Isso demanda a tradução juramentada de vários documentos, a burocracia é realmente um um pesadelo. Até o momento, por exemplo, não existe um convênio pronto entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Logo, a gente precisa fazer vários documentos. O principal é uma minuta do acordo contendo todos os termos, prevendo o que pode acontecer, o que não pode acontecer... Depois desse documento, tem que passar pelo âmbito jurídico das duas universidades e isso demora muito. Geralmente as universidades vão achar vários pontos que não estão de acordo. Meu acordo,

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

propriamente, demorou quase um ano e meio para ficar pronto, fazendo e refazendo esse documento, além de outros documentos circunstanciais, envolvendo as traduções de diploma.

Tudo isso feito, agora tenho que participar da vida das duas universidades: cumprir alguns créditos que eles demandam lá, alguns créditos aqui. Ah, há algo parecido como uma qualificação que eu tenho que fazer uma vez por ano, pagar algumas taxas que mesmo as universidades públicas de lá demandam. Então, todas essas questões burocráticas dão muita dor de cabeça....

Envolvendo a produção científica de fato, você precisa fazer uma versão da tese em francês – uma versão um pouco resumida, que eu acho que vai de 20% a 40% do que você tem que escrever na versão final, o que é um desafio também. Eu já escolhi fazer a minha tese e escrever em inglês para facilitar a comunicação com o meu outro orientador de lá, porque eles não têm uma leitura aprofundada do português.

Agora, falando um pouco dessa experiência de ter dois orientadores... Mesmo no meu mestrado, foi uma experiência muito rica. O que é muito difícil é comentar vários temas de pesquisa com alguém que fala outra língua – e eu não me considero uma pessoa que tem facilidades para aprender línguas, sejam modernas ou antigas; eu consigo ser ruim em todas elas (risos). Comecei a estudar francês propriamente no mestrado, lendo um pouco porque as traduções das minhas fontes e os textos especializados demandavam, uma vez que a maioria está em francês, inglês ou alemão.

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

Foi quando surgiu essa oportunidade de fazer um sanduíche na França durante o mestrado que eu comecei a estudar francês e venho estudando desde então. Porém, ainda fico bastante nervoso para falar em francês, fazer uma reunião tête-à-tête assim com meus orientadores – isso geralmente dá nervoso em português, mas em francês é mais ainda. O que ajuda muito é que o Philippe é uma pessoa muito legal, sempre preocupada, com a questão científica propriamente dita – se eu não entendi as ideias ou se não tenho a bagagem necessária, ele me passa os textos e explica quantas vezes forem necessárias –, mas, também, nas questões mais básicas de comunicação: fala devagar, se preocupa se eu entendi ou não. Ele é muito humano nesse sentido. Acho que eu tive sorte, tanto com o Marcelo Rede, quanto com o Philippe Clancier.

**Revista Epígrafe:** Poderia, por favor, indicar autores para quem desejar começar a aprender sobre estes recortes de pesquisa? E que conselho você daria a um estudante de graduação que deseja se dedicar à pesquisa em História Antiga?

**Santiago Reghin:** Então, também, levando um pouco para minha experiência, são questões que eu tive na graduação. De fato, meu primeiro contato com o Rede – que eu nem sabia quem era à época –, foi quando eu abri um livro que achei na biblioteca e lá tinha um texto dele (que eu achei muito bom) sobre como os babilônios representavam o tempo; e mais interessante ainda para mim, apesar do texto excelente, foi que lá tinha o e-mail do professor. Então eu tive a oportunidade de fazer algumas questões para o professor Marcelo.

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

Sem saber mesmo, quando eu fui fazer o mestrado, eu nem lembrava que eu já tinha enviado e-mail para ele, pensei que era algum outro professor. Quando abri meu histórico de e-mail com o Marcelo, isso no mestrado, eu vi que já tinha demandado coisas para ele quatro anos antes, no início da minha graduação.

Então, eu não estou fugindo da questão, mas assim, uma dica é: aproveitem os e-mails dos professores e perguntem. Infelizmente, nem todos vão responder, mas vários vão. E foi assim que eu tive contato com uma primeira bibliografia do Antigo Oriente Próximo, perguntando para o Rede e, depois, para o Fábio.

Sobre a bibliografia propriamente dita, o que eu aconselharia é justamente o livro que já comentei do Mario Liverani, que foi traduzido ao português em 2016, *Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia*. Se trata de um manual geral sobre o Oriente próximo. Ele é um pouco intimidador porque é grande, tem lá suas 800 páginas, mas raramente as pessoas leem ele inteiro. Então, eu aconselharia, para quem for ter um primeiro contato, a ler, no mínimo, a introdução e a conclusão para ter uma visão geral sobre o tema. Ele é da década de 80, passou por uma grande revisão nos anos 2000 e a tradução já conta com essa revisão.

O que pode também pode dar um pouco de medo são as questões de arqueologia. Ele começa falando muito sobre arqueologia, sobre os períodos considerados pré-históricos – o que hoje a gente chama mais da história profunda. Ah, vários termos técnicos, mas, tudo bem, dá para ler mesmo sem entender tudo que ele fala. Depois ele entra em temas mais

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

palatáveis. Claro, como geralmente ocorre nos manuais, o livro tem um formato modular, sendo assim, é possível selecionar os capítulos que envolvem os períodos e unidades específicas. Contudo, é interessante notar que há argumentos e teses mais gerais sobre a história do Oriente Próximo, que ele desenvolve ao longo de todo livro.

Então, eu diria que esse é um livro essencial para quem quer ter um conteúdo mais empírico com o campo – quais as fontes que existem, quais temas, quais as periodizações básicas... Vocês podem usar esse livro quase como uma *Wikipedia*. Contudo, acho legal ter uma visão geral sobre o campo antes, para saber com o que vocês estão lidando.

Outra obra que eu indico, aqui partindo para uma questão mais teórica, é o livro do Norberto Luiz Guarinello, que se chama *História Antiga*. O Guarinello tem uma formação na Antiguidade Clássica, principalmente Roma. Esse livro é um desenvolvimento da livre docência.. Ele trata sobre questões teóricas como eu comentei passando de Marx, Weber, todo o desenvolvimento ao longo do século XX, falando das visões, um pouco mais da *mediterraneização*, que dialoga com a História Global.

Agora, se querem algo mais específico, envolvendo o Período Helenístico, eu aconselharia um texto introdutório curto que se chama *The Hellenistic Age*, do Peter Thonemann. Ele introduz os principais temas: quais as perspectivas historiográficas, os principais eventos políticos, a diversidade geográfica e as especificidades das diversas culturas que compõem o mundo helenístico. Infelizmente ele só está disponível em inglês. Em português, eu aconselho vocês darem uma olhada nos textos

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilares Fonseca

Mel Veronezi Frare

do professor Fábio Morales, também nos podcasts que o professor participou.

Falando do Período Persa... É bem difícil, tem pouca coisa escrita em português. Um grande manual é o do Pierre Briant, *L'Histoire de l'Empire Perse*, que está disponível em francês e inglês. Lá vocês vão ter as informações básicas. Ele é um manual de 1996 que está relativamente atualizado, mas para uma introdução ao tema é fundamental – mesmo os profissionais citam esse manual o tempo todo. É uma obra fantástica, é basicamente uma História Total, se a gente usar o termo do Braudel, aplicada ao Império Persa. Contudo, esse livro é um manual pensado principalmente para quem já está envolvido na área, o que pode intimidar aqueles que o tomarem como um primeiro contato. Para esse último caso, em português, eu aconselharia o livro *Os Persas: A era dos grandes reis* do Lloyd Llewellyn-Jones. É um livro que não é necessariamente acadêmico, mas, sim, voltado para interessados em história de forma mais geral. Ele foi escrito em 2022, traduzido ao português em 2023. a tradução e revisão técnica são ótimas — inclusive, o revisor técnico, Leandro Penna Ranieri, é membro do LAOP. Particularmente, tenho algumas críticas em relação ao conteúdo do livro e algumas imprecisões, mas acho que, dada a escassez de textos em português, esse é um bom primeiro contato com o Império Persa. Ele fala o que há de mais recente sobre o tema, cita algumas fontes, mas não cita da forma mais adequada possível, tem uma visão relativamente eurocêntrica... Enfim, mas acho que é um bom primeiro contato em português e é uma leitura super fácil para as pessoas da graduação.

**Entrevista com Santiago Colombo Reghin**

Arthur Oliveira Louzada

Beatriz Marangoni Vilarés Fonseca

Mel Veronezi Frare

Gostaria de agradecer pelo convite. Quando fiquei sabendo da possibilidade de participar, fiquei muito contente. Agradeço pela conversa, pelas ótimas perguntas e pelas reflexões. Foi um prazer poder fazer parte da iniciativa de vocês e parabéns pelo trabalho da Revista. Também gostaria de expressar que, caso o leitor tenha alguma questão, sinta-se à vontade para entrar em contato comigo.

**Revista Epígrafe:** Agradecemos a você, Santiago, por compartilhar um pouco da sua jornada e de seu trabalho como historiador. Percebemos o quanto sua experiência pode servir de guia e incentivo para os estudantes, orientando aqueles que já aspiram à pesquisa e, quem sabe, plantando uma semente de curiosidade naqueles que ainda não haviam vislumbrado esse caminho. Muito obrigado por ter aceitado nosso convite!